



Dossiê Olhares cruzados entre pesquisas em sociologia rural no Brasil e no Norte da África

A extinção da Sociologia Rural na Argélia: dos fatores sócio-políticos ao contexto acadêmico de ensino das ciências sociais

Brahim Benmoussa¹

Tradução: Jéssica Pires Cardoso²

Resumo: O artigo aborda os elementos mais significativos da produção de conhecimento em torno da sociedade rural argelina, realizando uma avaliação do ensino das ciências sociais e da sociologia nas universidades argelinas. Os resultados da análise apontam para uma forte relação entre a universidade, o poder político e a sociedade no ensino da sociologia, havendo ainda uma notável tendência à “popularização” das ciências sociais. Esse processo de popularização do conhecimento indica profundas mudanças no status dessas ciências e, em geral, no lugar do conhecimento na sociedade, bem como na forma como a sociedade rural é estudada na Argélia.

Palavras chaves: Argélia rural; ciências sociais na Argélia; sociologia rural argelina; universidade na Argélia.

The extinction of rural sociology in Algeria: from socio-political factors to the academic context of social science teaching

1 Faculté des sciences sociales, Université d'Alger 2 – bramost@yahoo.com – <https://orcid.org/0000-0002-0932-5616>

2 Universidade federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos - Brasil – jessicapires.cardoso@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-0180-1737>

Abstract: *The article discusses the most significant elements of knowledge production around Algerian rural society, by conducting an evaluation of the teaching of social sciences and sociology within the Algerian University. The teaching of sociology shows a strong relationship between the University, the political power and the society, where a notable tendency towards the “popularization” of social sciences indicates profound changes in the status of these sciences and, in general, in the place of knowledge in society as well as in the way rural society is studied in Algeria.*

Keywords: *“rural Algeria, social sciences in Algeria, Algerian rural sociology, university in Algeria*

La desaparición de la sociología rural en Argelia: de los factores socio-políticos al contexto académico de la enseñanza de las ciencias sociales

Resumen: El artículo aborda los elementos más significativos de la producción de conocimiento en torno a la sociedad rural argelina, realizando una evaluación de la enseñanza de las ciencias sociales y la sociología en las universidades argelinas. Los resultados del análisis apuntan a una fuerte relación entre la universidad, el poder político y la sociedad en la enseñanza de la sociología, y también hay una notable tendencia a la “popularización” de las ciencias sociales. Este proceso de popularización del conocimiento indica cambios profundos en el estatus de estas ciencias y, más generalmente, en el lugar del conocimiento en la sociedad, así como en la forma de estudiar la sociedad rural en Argelia.

Palabras clave: Argelia rural; ciencias sociales en Argelia; sociología rural argelina; universidad en Argelia.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, são raros os pesquisadores e os universitários argelinos que se dedicaram diretamente aos trabalhos acadêmicos ou publicações científicas sobre o mundo rural. Essa raridade é ainda mais notável quando se trata da sociologia, dado que os sociólogos ligados às universidades que produziram trabalhos sobre a sociedade rural argelina podem ser contados nos dedos de uma mão.

Se a sociedade rural foi estudada de maneira insuficiente, de modo frequente, ela foi tributária de um interesse pontual em função de sua conjuntura, especificamente por sua realidade histórica e contexto político particular. Este artigo, portanto, tem como objetivo principal constituir um quadro geral da produção

de saberes em torno da sociedade rural argelina, avaliando o ensino da sociologia nas universidades da Argélia e situando-o em um campo mais vasto do ensino das ciências sociais.

Como resultado desse levantamento avaliativo, percebe-se que a evolução do ensino nas ciências sociais se deu por meio de uma forte relação entre universidade, poder político e sociedade, acarretando, assim, em uma notável tendência à “popularização” desse saber. A rigor, essa mudança indica transformações profundas no status das ciências sociais e, de modo geral, do lugar desses saberes na sociedade.

Em um contexto geral de ensino das ciências sociais na Argélia, a sociologia rural, como uma especialidade autônoma no campo da sociologia, foi ministrada apenas na Universidade de Argel. No entanto, a disciplina desapareceu definitivamente dos programas universitários em 2012, após ter existido sob duas definições diferentes, dentro do processo das suas significativas evoluções. A primeira, ensinada de 1970 a 1990, sob o título de “Sociologia Rural e Urbana”, seguiu uma abordagem que integrava tanto as questões urbanas quanto as rurais, sob a forma de uma disciplina de duas facetas, sem colocar em evidência a independência do campo específico da sociologia rural.

Em seguida, de 1990 até meados de 2012, a sociologia rural foi denominada “Sociologia da Alimentação e do Desenvolvimento Agrícola”, seja em uma estratégia de maquiagem a opção “rural” da disciplina, visto que se constitui em um obstáculo a sua emergência por razões ligadas à imagem do rural nas representações coletivas, seja pelo novo status das ciências sociais marcado, como veremos, pela “popularização” e sua passagem de uma ciência elitista às ciências “populares”.

A sociologia rural na esteira de sucessivas crises das ciências sociais na Argélia: o ensino das ciências sociais e a herança da universidade colonial francesa

Após a independência da Argélia, em 1962, o ensino das ciências sociais foi ministrado por três universidades – Argel, Constantino e Oran – que, apesar da vontade declarada pelos poderes públicos de reformá-las, funcionaram segundo os métodos legados pela universidade colonial francesa.

Evidentemente, o acesso a essas universidades³ não poderia escapar às regras de seleção social herdadas do sistema colonial, na medida em que essas

3 O acesso ao ensino superior se faz por meio da obtenção do diploma, após 12 anos de estudo, com base no *baccalauréat*. (N.T. O *baccalauréat*, proveniente do sistema escolar francês, equivale ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) brasileiro, e foi colocado em prática na Argélia). Esse exame comporta várias áreas de estudo, notadamente: letras (literatura e filosofia), ciências naturais, matemática etc.

universidades acolhiam, pelo menos nas correntes francófonas, à época muito mais numerosas que as correntes de língua árabe, estudantes, geralmente, oriundos de origens sociais privilegiadas, como a burguesia cidadina. Além desse aspecto ligado à origem social dos estudantes que se impõem à seleção escolar, em geral, eles seguiram seus estudos de ensino médio em escolas em que os clássicos programas da “metrópole francesa” eram ensinados, e uma boa parte dos formandos da época fizeram seus estudos eruditos⁴.

Ademais, a inserção em diferentes áreas e especialidades universitárias não foi submetida a nenhum critério de orientação prévia, como tem sido o caso desde 1970, o que é absolutamente contrário às orientações de restrições em vigor hoje. Essa liberdade de escolha representa um dado importante em relação à questão do ensino em ciências sociais, no sentido de que os estudantes que se matricularam nessas disciplinas, à época, fizeram-no com base em uma predileção pessoal, e não por uma orientação que balizou as inscrições desde 1970, de acordo com os objetivos planejados⁵.

Também, em particular nos primeiros anos de independência, os estudantes de ciências sociais que se submeteram às regras de seleção do *lycées*⁶, realizaram seus estudos superiores em um ambiente universitário e pedagógico favorável⁷. Nesse sentido, figuras conhecidas do mundo universitário francês⁸ ministravam cursos e, como resultado, um bom número de seus estudantes se tornaram referências no mundo universitário argelino.

De modo complementar, as universidades argelinas ofereceram infraestrutura adequada aos estudantes em ciências sociais, dispondo de cidades universitárias e

4 Mazouni (1969), ao analisar a severa seleção social que atinge os nativos durante o acesso à educação no período colonial, afirma: “as desvantagens de ensinar programas franceses a uma minoria de argelinos são incontáveis. No entanto, eles eram auxiliados por excelentes professores, que tinham à disposição ferramentas pedagógicas desenvolvidas por um país com uma cultura antiga e sólida e, enfim, que ensinavam em uma língua que não sofria de diglossia”.

5 Os critérios de matrícula nas diferentes áreas do ensino superior são regulamentados pelos poderes públicos e, após a obtenção do diploma superior, ocorre uma orientação decisiva, notadamente marcada pela impossibilidade de um estudante formado em programa de “letras” no ensino médio de acessar às disciplinas científicas e técnicas (*N.T.: na França existem três programas que os estudantes podem escolher no ensino médio e que determinam os estudos superiores que eles farão*).

6 *N.T. O lycée equivale ao Ensino Médio no Brasil, e pode ser de dois tipos de ensino: o lycée général e technologique ou o lycée professionnel. O lycée era sinônimo de um nível de cultura geral por si só muito apreciado em uma época em que a expressão “ter seus dois diplomas” (em referência ao diploma probatório e diploma final) simbolizava o pertencimento ao mundo dos letrados.*

7 Em 1962-1963, por exemplo, a universidade argelina funcionava com uma taxa proporcional de aproximadamente 1 professor para 10 estudantes (enquanto hoje são 1 para 25) (Mazouni, 1969).

8 Estão entre os muitos acadêmicos franceses que lecionaram em universidades argelinas após a independência: Pierre Bourdieu na sociologia; Yves Lacoste, Charles Robert Ageron, Marc Cote na história e na geografia; Geroges Labica, na filosofia; Jen Claude Vatin na ciência política.

acesso às bibliotecas, por exemplo. Ademais, nesse ambiente universitário onde as ciências sociais foram praticadas de maneira profissional, destacaram-se os primeiros institutos de pesquisa da área, que, por conseguinte, realizaram pesquisas em larga escala e, ainda, impulsionaram o surgimento de algumas revistas científicas, tornando-se espaço de expressão aos especialistas dessas disciplinas universitárias.

No entanto, o golpe de estado de 19 de junho de 1965 conduziria a implementação de um sistema autoritário que modificaria a paisagem econômica e social argelina alguns anos mais tarde. Esse projeto de sociedade que visava desenvolver a indústria, reformar a agricultura e promover a cultura (ou as três revoluções: industrial, agrícola e cultural – pilares do “socialismo argelino”) iria, obviamente, afetar a universidade e, por consequência, ter efeitos significativos na qualidade do ensino e na mobilização das ciências sociais.

As ciências sociais: do elitismo à popularização

Para avaliar a produção de saberes sobre a sociedade rural argelina, tal qual o ensino da sociologia rural, é necessário analisar a evolução do ensino das ciências sociais desde a independência do país, em 1962. Essa análise consiste em avaliar os fatores que deram lugar às mudanças que o ensino das ciências sociais conheceu: passando de uma realidade em que estavam essencialmente preocupados com uma elite intelectual de origens privilegiadas, há cerca de cinquenta anos, a essa de hoje, mais preocupada com as categorias sociais “populares”. Abordar os fatores que contribuíram para essa mudança e a forma como ela ocorreu na universidade nos permite compreender as especificidades das ciências sociais na Argélia, principalmente no que diz respeito aos mecanismos pelos quais elas se tornaram “popularizadas”.

A sociologia aparece como uma das disciplinas mais representativas dessa situação, e a sociologia rural se destaca significativamente neste processo de “popularização” das ciências sociais.

Essa “popularização” se refere, em primeiro lugar, à implementação no setor do ensino superior, no início dos anos 1970, do princípio da “democratização da educação”. A partir daí, permitiu-se o acesso à universidade de um número expressivo de estudantes, que haviam sido excluídos durante a colonização francesa. Concretamente, esse princípio se traduziu na rápida criação de várias universidades nas províncias e, como consequência, no aumento do número de estudantes e professores no ensino superior.

A abertura, a passos largos, das universidades na Argélia com, por uma boa parte delas, a criação do percurso de cursos de ciências sociais em seus

programas⁹ foi acompanhada de um problema, frequentemente espinhoso, da supervisão pedagógica de um número crescente de estudantes.

Além do princípio da democratização da educação, outro fator, também no tocante às questões políticas, iria contribuir à “popularização” das ciências sociais. Esse fator foi a arabização das ciências sociais, em 1980. Isso significa que, por mais de 40 anos, a língua de ensino dessas disciplinas foi submetida, por um lado, ao domínio insuficiente do árabe pelos professores francófonos que constituíam a maioria do corpo pedagógico e, de outro, a uma certa “simplificação” do árabe acadêmico pelos professores de língua árabe¹⁰.

Enquanto a democratização da educação nos anos 70 e a arabização do ensino das ciências sociais nos anos 80 estão entre fatores importantes que modificaram o status das ciências sociais na Argélia, destaca-se, ainda, a crise de segurança que assolou o país na década de 1990. Durante esse período, muitos acadêmicos foram alvos de atentados terroristas mortais, outros forçados ao exílio, ou, simplesmente, obrigados a parar suas publicações e trabalhos. Sem dúvida, esse período foi o golpe mais duro ao caráter elitista das ciências sociais, capaz de romper com as aspirações dos acadêmicos e dos pesquisadores em ciências sociais de formar uma elite intelectual ativa em seu país.

A reforma do ensino superior de 1970 e a introdução da “seleção reversa” nas ciências sociais

A reforma do ensino superior introduzida em 1970 fez modificar consideravelmente os contornos da universidade argelina em relação ao modelo que ela herdou da França e sobre o qual havia operado até então. Essa transformação se assentou em dois princípios fundamentais subjacentes a essa reforma: por um lado, democratizar a educação; por outro, colocar a universidade a serviço do desenvolvimento.

Desde então, as ciências sociais foram integradas à dinâmica gerada pela vontade de concretizar esses dois princípios, por meio de uma fórmula cara aos

9 Segundo dados do Ministério Argelino de Ensino Superior e da Pesquisa Científica, a rede universitária argelina conta com aproximadamente 106 estabelecimentos de ensino superior distribuídos por 48 *Wilayas* (distritos), que cobrem todo o território nacional. Essa rede é constituída de 50 universidades, 13 centros universitários, 20 escolas nacionais superiores, 11 escolas normais superiores e 2 anexos, na qual os estudantes de ciências sociais representam quase 60% dos inscritos.

10 Em suma, a língua de ensino das ciências sociais, de modo frequente, tem sido reduzida a um árabe coloquial que, em muitos casos, suplantou o árabe clássico que teria sido exigido para um ensino acadêmico rigoroso.

líderes políticos da época: “a Universidade deve formar quadros operacionais a serviço do desenvolvimento”¹¹.

Assim, desde 1970¹², um plano de desenvolvimento de instituições de formação superior foi implementado, levando à rápida construção de inúmeras universidades com investimentos financeiros importantes. A construção dessas universidades foi, além disso, apoiada no slogan sacrossanto do “equilíbrio regional”, em nome do qual as universidades e as instituições foram criadas em todo o lugar em uma década, por vezes, em regiões onde não existia sequer escola secundária.

Mas o aumento quantitativo das estruturas, dos recursos humanos e de sua regionalização não foram os únicos elementos característicos dos efeitos da reforma do ensino das ciências sociais. Outro fator importante contribuiu para a formação desse campo científico, firmado em um dos princípios-chave da reforma em questão, foi a orientação científica e técnica. Com efeito, a orientação às áreas do ensino superior começou em 1970, pela regulamentação das escolhas dos campos de estudo dos futuros universitários durante o processo do *baccalauréat*. Esse processo deu lugar a uma predileção sistemática dos universitários à série “letras” sobre as ciências sociais.

Esse já era um claro símbolo da hierarquização das áreas de ensino superior no qual os universitários que optaram pelos domínios das “ciências” e “matemáticas” tinham a possibilidade de se inscrever em áreas de sua escolha, selecionando, de início, aquelas que são socialmente valorizadas, como as ciências médicas, a arquitetura e as grandes escolas de engenharia.

Deve-se notar, no entanto, que a orientação e a seleção não começaram na universidade. Na realidade, os futuros universitários costumavam fazer uma espécie de orientação profissional ainda durante o *lycée*, que dirigiam aos domínios das “ciências” e “matemáticas” aqueles que apresentavam os melhores resultados escolares. Temos então um fator de “seleção reversa” no qual os estudantes do ensino médio com menor desempenho e que, em geral, não provinham dos estratos sociais mais privilegiados, acabaram formando o grupo de estudantes nas ciências sociais.

Além disso, esse processo de “seleção reversa” das ciências sociais não se limitou à orientação dos estudantes “literários”¹³ para essas disciplinas. Ao

11 Discurso do Ministro argelino do Ensino Superior no 24º Congresso do Instituto Internacional de Sociologia, Argel, 25-30 de março de 1974, extraído da “*l’Université*”, n. 23 de dezembro de 1975.

12 Este é um ano considerado histórico no planejamento da economia argelina dado que corresponde ao lançamento do 1º plano quadrienal argelino.

13 N.T. *Trilhar o percurso literário (littéraires) no Ensino Médio*, leva o estudante às ciências humanas no ensino superior.

longo dos anos, à medida que o número de estudantes aumentava, a quantidade de vagas disponíveis nos cursos universitários dito científicos se tornava gradativamente mais limitado, em comparação à demanda social por essa área.

Instaurou-se, assim, uma hierarquia das disciplinas universitárias, com uma corrida às melhores notas, critério determinante na escolha dos cursos e, por meio desse mecanismo, as ciências sociais foram relegadas ao segundo plano em relação às especialidades médicas e técnicas.

Paradoxalmente, desde meados dos anos 1980, as ciências sociais começaram a receber estudantes que não atingiram a nota esperada para se frequentar os cursos científicos. Além disso, entre os estudantes da área “letras”, as ciências sociais acolheram os mais fracos entre eles, pois aqueles que detinham as melhores médias se dirigiam às áreas literárias mais “nobres”, tais como direito, ciência política, jornalismo e interpretação, em que o número de vagas era limitado.

Assim, tudo se passou como se por meio da conjunção dos fatores entre a generalização do ensino e a orientação planejada dos estudantes; as ciências sociais se tornaram o lugar de acolhimento dos estudantes menos bem-sucedidos e raramente foram direcionados à área por meio de uma escolha pessoal¹⁴.

Esse mecanismo de marginalização das ciências sociais também foi acompanhado, igualmente, de uma notável hierarquização entre os estudantes no interior desses campos de estudos, em que a filosofia ocupa o último lugar¹⁵, precedida apenas pela história. À frente dessas disciplinas, está a psicologia, classificada em primeiro, sem dúvida graças a um preconceito favorável que lhe atribui uma certa “cientificidade”, sendo seguida, em segundo lugar, pela sociologia.

Por outro lado, deve-se ter em mente que o corpo docente nessas áreas também passou pelos mecanismos de “seleção reversa”¹⁶. Assim, a popularização das ciências sociais não diz respeito apenas aos estudantes, mas toca também o corpo docente.

14 A esse respeito, e com base em uma pesquisa que realizamos no início de cada ano universitário durante 15 anos entre estudantes de sociologia, menos de 2% deles dizem se inscrever com base em uma escolha pessoal.

15 Em setembro de 2019, durante a contagem das listas de desejos dos estudantes de “ciências sociais” da Faculdade de Ciências Sociais de Argel, nenhum havia optado pela filosofia e mais de 95% escolheu a psicologia (Fonte: Dados internos da referida Universidade).

16 A maioria do corpo docente universitário se encontra entre 40-45 anos e, geralmente, aceita estudantes do primeiro ano, aqueles cuja formação pedagógica é importante para a formação e aprendizagem de uma disciplina.

A arabização do ensino das ciências sociais em 1980: um momento decisivo na relação ciência/sociedade

É interessante lembrar que a introdução do árabe no ensino das ciências sociais é um pensamento antigo, que data de 1962. A concretização dessa ideia, em 1980, foi precedida pela coexistência, desde 1970, de duas opções: uma francesa e outra árabe para o mesmo curso de ciências sociais¹⁷.

Em 1980, os poderes públicos ordenaram a arabização total do ensino das ciências sociais, colocando em evidência, de forma indireta, as dificuldades objetivas que poderiam surgir ao adotar disciplinas difíceis de ensinar na ausência de uma equipe de língua árabe suficiente, materiais didáticos e documentação em árabe.

Diante disso, os professores francófonos tiveram duas opções: ou ensinavam em árabe ou deixavam a universidade. Aqueles que continuaram a exercer sua profissão o fizeram em condições frequentemente difíceis, tendo que ensinar em um idioma que não eram habituados a usar em um ambiente acadêmico.

É fato que o árabe utilizado, nesse caso, não foi o árabe clássico¹⁸, exigidos nas disciplinas científicas por utilizar conceitos precisos e rigorosos. Além disso, um árabe bastante próximo de uma linguagem coloquial serviu de vetor de conhecimento nas universidades, saberes até então difundidos por meio da língua francesa. Isso posto, deve-se notar que o uso predominante do árabe coloquial nas relações pedagógicas entre estudantes/professores desempenhou papel proeminente no processo de popularização das ciências sociais.

No entanto, a extensão da arabização do ensino das ciências sociais causou efeitos sobre o ambiente profissional das universidades. No caso, esse processo refletiu diretamente na posição dos diplomados em ciências sociais no mercado de trabalho, estando eles em uma posição frágil face às regras do mercado de trabalho, no qual o francês continua a ser a língua fortemente presente.

Por meio desse panorama geral, percebe-se que a popularidade das ciências sociais se consolidou, progressivamente, mediante processos marcados pela transversalidade dos campos político e socioeconômico, notadamente pela

17 Essa coexistência não ocorreu isenta de problemas culturais e ideológicos de vários tipos. A esse respeito, seria apropriado analisar a oposição “árabe/francesa”, um fenômeno particularmente marcado na Argélia (em comparação aos outros países árabes bilíngues) e que, por vezes, deu origem a grandes conflitos de ideias.

18 A língua árabe se subdivide, de maneira geral, em duas categorias: o árabe clássico, utilizado na literatura e nas instituições de ensino, e o árabe coloquial, utilizado como uma língua comum entre a população. O árabe coloquial, às vezes, tem variações significativas dependendo do país (por exemplo: o árabe coloquial egípcio é diferente do árabe argelino ou marroquino).

democratização da educação ao longo dos anos 70 e pela arabização realizada nos anos 80. Nos anos 90, outro fator contribuiu para a eliminação definitiva do status de disciplina elitista que as ciências sociais conheciam na época da independência do país. Esse fator está na situação criada pela crise de segurança na Argélia durante os anos 1990, com terrorismo e relatos de violência.

Ciências sociais e crise de segurança nos anos 1990

Se as décadas de 1960 a 1980 marcaram o ensino das ciências sociais pela ação de fatores relacionados à vontade “política” do Estado central, a década de 1990 foi marcada pela ação de fatores exógenos ao Estado. Evidente que o Estado continuaria a regular os mecanismos de acesso à universidade, bem como seus princípios de funcionamento, mas o que é específico desses anos é o fato que o islamismo, como um movimento social e político, penetrou nas universidades de maneira notável nos primeiros anos da década em questão¹⁹.

Essa inserção ocorreu, notadamente, no momento em que os professores em ciências sociais, adeptos a esse movimento, adaptaram o conteúdo disciplinar ao projeto de uma sociedade islâmica, encontrando um público favorável entre os estudantes fiéis a esse projeto. Assim, nos dois primeiros anos da década de 1990 e antes do início do terrorismo armado em 1992 (particularmente, antes de começar a atingir os acadêmicos na primavera de 1993²⁰), houve uma proliferação das ideias e ações em torno do Islã, do projeto de uma sociedade islâmica e de sua introdução na educação em ciências sociais.

Os apoiadores desse movimento utilizaram tanto as possibilidades legais, como a reforma curricular de 1992 (na qual algumas disciplinas, como “sociologia islâmica”, por exemplo, foram introduzidas no primeiro ano do curso de sociologia), quanto as possibilidades oferecidas pela liberdade de expressão na Universidade.

Esses mesmos anos foram igualmente marcados pelo aparecimento de associações culturais e sindicais estudantis, que militavam pelo mesmo objetivo. A universidade, como campo político, encontrou-se inserida em um movimento social em plena ascensão, embora esse movimento não tenha conseguido dominá-la inteiramente.

19 Na realidade, a entrada do islamismo na universidade data de 1960, mas, após os tumultos populares que ocorreram na Argélia, em 1988 (conhecidos como “eventos de outubro” de 88), e a subsequente democratização da vida política, a corrente islâmica conheceu um desenvolvimento importante pela universidade, que esteve plenamente envolvida no processo.

20 Dois sociólogos, Djilali Liabes e M’hamed Boukhobza, assim como um agrônomo que trabalhava com o mundo rural, Youcef Sebti, foram assassinados, inaugurando uma série de homicídios de intelectuais que iria durar vários anos.

Em harmonia com o que estava acontecendo na sociedade, a Universidade mergulhou em uma crise política, transformada em uma crise de segurança após o cancelamento do segundo turno das eleições legislativas de dezembro de 1991 (no qual a Frente de Salvação Islâmica, o maior partido do movimento islâmico, obteve uma parcela expressiva de cadeiras na Assembleia Nacional Popular já no primeiro turno).

Desde então, a violência que caracterizou a Argélia atingiu duramente a universidade. Cerca de vinte professores do ensino superior foram assassinados entre 1993 e 1997 (aos quais devem ser somados dezenas de professores do ensino secundário que sofreram o mesmo destino), centenas de acadêmicos receberam ameaças de morte individuais e houve ainda uma ameaça coletiva endereçada a todo o corpo docente com o objetivo de cancelar o ano acadêmico e social de 1994-1995 (Leperlier, 1998).

Essa crise de segurança teve, de modo evidente, um impacto sobre as ciências sociais e sobre as universidades argelinas em geral, impacto que se traduziu, notadamente, no exílio de inúmeros professores²¹.

Evidentemente, as pesquisas de campo, essenciais para a prática das ciências sociais, tornaram-se difíceis, ou mesmo impossíveis, em particular nas zonas rurais, reduzindo ainda mais o campo de intervenção das ciências sociais durante os anos de 1990 e, *a fortiori*, da sociologia rural.

No entanto, a despeito desse difícil contexto, as universidades de ciências sociais permaneceram funcionando, bem como as defesas de monografias de graduação, de mestrado e de doutorado²². Melhor ainda, contra todas as possibilidades, os pequenos rituais festivos, celebrando as defesas realizadas, continuaram incansavelmente a ser organizados e a fazer parte da decoração das universidades de ciências sociais. Eles tornaram, quase que inconscientemente, os lugares de resistência “popular” pelo simples fato de continuarem a funcionar apesar das provações que foram submetidos, às quais, em outros contextos, poucas instituições teriam resistido.

É preciso destacar que o funcionamento das universidades não se limitou a manter a vida “administrativa e física” dessas disciplinas; além desses aspectos,

21 Igualmente, traduziu-se, durante os anos mais mortíferos da crise de segurança, como uma tendência pronunciada entre numerosos professores de ocultar, na vida cotidiana e nos espaços públicos da Argélia, a função de docente.

22 A título de exemplo, segundo os serviços estatísticos da biblioteca central da Universidade da Argélia, entre 1998 e 1999, mais de 130 teses de mestrado e 25 doutorados foram defendidas na Universidade de Argel, nas diversas disciplinas das ciências sociais. Isso significa que esses trabalhos foram escritos em meados dos anos 90, ou seja, durante a crise de segurança.

elas puderam manter uma atividade científica, de modo que uma dúzia de periódicos universitários em ciências sociais continuou a aparecer regularmente.

Naturalmente, o fato de o ambiente acadêmico continuar a existir não é, por si só, suficiente em termos das exigências para a produção do conhecimento científico. Uma análise dos trabalhos acadêmicos realizados em ciências sociais ao longo desses anos é, sem dúvida, necessária para avaliar o nível do envolvimento das ciências sociais na compreensão das situações vividas pela Argélia durante esse período e no estudo dos fenômenos que as caracterizaram.

As ciências sociais sob uma administração controladora desde os anos 2000

Desde o início dos anos 2000, as ciências sociais foram aprisionadas a uma administração controladora, fortemente marcada pela imposição de um Estado jacobino que planejou reduzir a crítica social desde o aumento quantitativo do número de diplomados em ciências sociais.

A primazia da administração sobre a pedagogia e a pesquisa científica se constitui em um fenômeno que se desenvolveu particularmente durante os anos 2000 e que se fez sentir fortemente no ensino das ciências sociais na Argélia. Isso se refletiu, em particular, no rigor dos prazos para a defesa das teses²³, muitas vezes limitados pelas restrições dos cronogramas administrativos e não pelo rigor científico.

Sociologia rural e produção de saberes em torno do mundo rural na Argélia: problemáticas e conjunturas

A produção de conhecimento sobre o mundo rural na Argélia, que não é somente um trabalho dos sociólogos rurais, esfriou de modo significativo desde os anos 1980, após ter sido campo de interesse dos pesquisadores das ciências sociais desde a independência. Além disso, ela poderia ser tematizada em função de problemáticas e conjunturas particulares.

A Guerra da Libertação Nacional, a Independência, a Revolução Agrária e, em menor escala, as reformas do setor agrícola e, simplesmente, o pertencimento a uma região precisa serviram de catalizador para a produção científica em torno da população rural argelina.

23 Embora o rigor administrativo não seja exclusivo às ciências sociais, essa área científica o sentiu de modo particular, em razão de seu vasto campo de aplicação, que demanda maior quantidade de tempo para produzir pesquisas bem-sucedidas.

Guerra da Libertação Nacional e a produção de saberes sobre a sociedade rural

Uma análise militante do mundo rural, diretamente ligada à Guerra da Libertação, travada de 1954 a 1962, e seus efeitos na sociedade argelina, caracterizou os trabalhos de Lacheraf – *le ruraliste*²⁴. Ele esteve particularmente interessado no campesinato e em seu papel na descolonização, mediante vários escritos dominados pelo apego aos valores patrióticos camponeses. *Le patriotisme rural* é o título de um capítulo importante de sua célebre obra *L'Algérie nation et société*. Esse capítulo é dedicado ao campesinato, a quem ele atribui a paternidade da insurreição contra o colonialismo francês e no qual mostra, sem ambiguidade, uma forma de superioridade do rural em relação ao urbano.

Este patriotismo de defesa, exclusivamente rural, será posteriormente substituído pelo nacionalismo cidadão cujas características são outras e cujo relativo fracasso se explica pelo fato de ter ignorado ou parecido ignorar as exigências e vantagens de todos os tipos que suscitaram ou ajudaram seu grande antecessor (Lacheraf, 1974: 70).

Outras obras desse mesmo autor revelarão esse forte apego; no entanto, ele aparece tingido de uma nuance “subjetiva”, no modo de apreender a sociedade rural. Em alguns momentos, há um claro viés a favor da população rural em detrimento da população urbana.

Que fique claro que se a cidade com suas técnicas, suas instituições, seus homens, suas contribuições indispensáveis, não vai às massas rurais, é a miséria camponesa, o êxodo camponês que irá sitiá-la... como uma re-provação viva e um lembrete insuportável cujo alguns querem reter apenas uma imagem embelezada ou exagerada para aliviar sua consciência (Lacheraf, 1988: 312).

Mas o vínculo ao campesinato e às raízes militantes não são os únicos fatos de destaque na produção científica sobre a população rural argelina motivada pela Guerra da Libertação Nacional.

Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad, presentes na Argélia durante os últimos anos da guerra, realizaram uma pesquisa sociológica que se tornou um marco na sociologia rural. *Le déracinement* (Bourdieu; Sayad, 1964), um estudo sobre o reagrupamento das populações rurais pelas autoridades francesas

24 Esse adjetivo foi dado por Claudine Claulet durante o “Colóquio Mostefá Lacheraf: Argélia 50 anos – nação, sociedade e cultura”, realizado em dezembro de 2004 e organizado pela Associação Argelina para o Desenvolvimento de Pesquisa em Ciências Sociais (AADRESS) e a Revista Naqđ.

resultado do combate armado, foi realizado nas regiões de Collo e Chlef por meio de métodos etnográficos e estatísticos. Essa obra destacou a transformação radical da sociedade camponesa causada, de modo concomitante, pela destruição de seus quadros espaciais tradicionais pelo poder colonial e ainda pela generalização das rendas e das trocas monetárias dentro dela.

Le déracinement também não está isento de um caráter militante, ainda que o principal autor tenha escrito, alguns anos depois, *Le métier de sociologue* (Bourdieu, 1968), livro metodológico no qual os sociólogos têm retirado, durante décadas, os conceitos-chave da objetividade do fazer pesquisa.

O “retorno às fontes”: uma estrutura insuspeita para a produção de saberes sobre a sociedade rural

A referência à terra e à questão das origens rurais tem um peso simbólico, visto que essas temáticas inspiraram, às vezes de modo significativo, a pesquisa científica. A produção sociológica argelina inclui múltiplas monografias de pesquisadores acerca da terra e da região de origem, que ilustra o domínio exercido pelo mundo rural. Como exemplo, destaco o trabalho de Mahfoud Bennoune (1986), dedicado ao *douar* d’El-Akbia.

Esse trabalho, que contém inúmeros dados históricos, antropológicos, sociológicos e econômicos, foi redigido no início dos anos 1970. Em linhas gerais, ele lançou um olhar crítico aos valores do nacionalismo e do patriotismo apoiado em um trabalho de campo singular, conduzido e apoiado pelo conhecimento pessoal do próprio autor. A noção de tribo aplicada às populações rurais sedentárias foi um dos exercícios ao qual o autor se dedicou. Ademais, Bennoune analisou a questão migratória francesa, levando em conta as relações tribais e parentais vivenciadas nesse *douar* no leste da Argélia.

As monografias dedicadas ao mundo rural inspiradas pelo sentimento de pertencimento regional também podem ser ilustradas pelo trabalho de Mostefa Lacheraf sobre Hodna, sua região de origem. Intitulada *Un terroir d’Algérie*, essa monografia contém inúmeras informações sobre a história social e cultural dos anos 20 e 30 de uma importante região do mundo rural argelino.

Ainda no que concerne aos trabalhos sociológicos inspirados nos territórios de origem, destacamos a pesquisa realizada por Ahmed Ouitis (1977), na região de Maamoura, dedicada às práticas rituais de destituição na sociedade rural.

Além disso, outras pesquisas sociológicas mais globais têm sido realizadas, propondo a reflexão sobre o território regional ao qual os autores pertencem. M’hamed Boukhobza, nativo do sudoeste argelino, apresentou sua tese

sociológica em 1976, sob a orientação de Pierre Bourdieu, que levou à publicação de um trabalho marcante sobre o nomadismo na Argélia. Nela, o autor adotou uma abordagem centrada nos golpes infligidos ao agropatoralismo tradicional pela colonização, por meio da destruição dos fundamentos do nomadismo, que o autor considera como o modo de organização econômica e social dominante na Argélia pré-colonial.

A tentativa antropológica nos trabalhos sobre a sociedade rural

O emprego dos métodos da antropologia social e cultural nos estudos da sociedade rural caracterizou uma abordagem adotada por inúmeros pesquisadores que se interessaram sobre o mundo rural argelino; isso se deu ao contrário dos pesquisadores que estudaram o mundo urbano e a indústria, que apenas se apaixonaram pelo método antropológico em um passado relativamente recente.

A sociedade rural argelina, prisioneira do fascínio dos antropólogos por seu caráter dominante como *sociedade oral* ou *sociedade segmentar*, tem sido o terreno de pesquisadores fortemente inspirados pelos métodos dos primeiros antropólogos anglo-saxões que analisaram as sociedades primitivas. Os exercícios de observação participante, de análise da memória e dos documentos orais foram realizados em numerosos trabalhos, que estão relacionados à sociedade rural argelina.

Nadir Marouf (1980) analisou a tradição oral no Touat (vasta região no sudoeste do Saara argelino), enquanto Youcef Necib (1986), por procedimentos metodológicos similares, realizou uma análise contextualizada da *geste hilalienne*²⁵ no território do Ouled Nail (famosa tribo na estepe central argelina). Fanny Colonna (1987), por sua vez, utilizou técnicas antropológicas na análise dos documentos bíblicos, visto que se interessava pela presença de uma cultura escrita no interior das aldeias em Aurès.

Por fim, mais recentemente, em um estudo antropológico sobre a santidade no Ksours, Rachid Belil (2003) analisou a tradição oral, a hagiografia e as crônicas locais da região do Gourara, no centro-oeste do Saara.

A contribuição dos sociólogos rurais argelinos

A produção de saberes sobre a sociedade rural argelina realizada pelos sociólogos rurais argelinos, apresentada como tal, mostra-se como exceção. Embora seja difícil determinar com precisão o campo de conhecimento dos sociólogos

25 A *geste hilalienne* é uma poesia tradicional relacionada às migrações épicas das tribos hilallienes do Nadj (Arábia Saudita), que povoaram o Maghrebe entre os Séculos XI e XIII.

rurais na Argélia, e definir quais argumentos tornariam um pesquisador mais *ruralista* que outro, o critério de produção científica no campo do rural, associado à filiação do único curso universitário de sociologia especializada nessa área, constitui uma referência importante para identificar sociólogos especializados no estudo da sociedade rural.

O tema da agricultura foi o aspecto do mundo rural que Chaulet C. analisou em suas várias publicações, sendo que as principais estão relacionadas, primeiro, ao setor agrícola autogerido (Chaulet, 1971) e, segundo, às práticas familiares (Chaulet, 1984). Em seu segundo trabalho, o autor analisa as estratégias familiares na mobilização dos recursos naturais em torno da produção agrícola e define o contexto no qual os agricultores argelinos se estabeleceram, no final dos anos 70, destacando o conjunto de instituições em torno das quais – e dentro das quais – a família rural evolui.

Em sua tese de doutorado, C. Benguergoura (2000) focalizou os mecanismos pelos quais as famílias de um centro rural nas proximidades de Argel mobilizaram os dispositivos de ajuda concedidos pelo Estado às comunidades rurais. Em sua monografia, o autor descreve e analisa as mudanças recentes em uma parte do mundo rural argelino.

B. Benmoussa (2007) também estudou os processos de mudança social observadas no âmbito da sociedade rural argelina durante os anos 2000. Em sua análise, o autor tomou como base diversas pesquisas de campo desenvolvidas por pesquisadores que trabalharam com as comunidades rurais em regiões da Argélia, notadamente nas áreas montanhosas do centro e do extremo sul.

Paralelo às temáticas da agricultura e das comunidades rurais, alguns trabalhos têm se dedicado à questão da promoção dos direitos das mulheres e das famílias no meio rural, sem que esses autores, no entanto, reivindiquem explicitamente ser do campo da sociologia rural.

De fato, ao explorar os dados disponíveis no Portal Nacional de Indicação de Tese (PNST)²⁶, somente cerca de vinte teses foram identificadas utilizando palavras-chave que, direta ou indiretamente, estão relacionadas ao campo da sociologia rural. Ao contrário, os títulos relacionados a outros campos da sociologia, como do trabalho, da cultura e urbana, contam com um número maior de trabalhos catalogados.

26 Sistema online que gere a produção científica nacional. Para mais detalhes. Disponível em: <<https://www.pnst.cerist.dz/>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

O conhecimento da sociedade rural argelina não é o único trabalho dos sociólogos

Estabelecer um inventário crítico da produção dos saberes em torno da sociedade rural argelina no campo do conjunto das disciplinas científicas poderia ser objeto de várias publicações com um conteúdo mais aprofundado que a presente contribuição. Contudo, de fato, esse trabalho não se trata de realizar um inventário exaustivo sobre os saberes produzidos, mas assinalar algumas disciplinas próximas à sociologia que contribuíram de maneira marcante para o conhecimento do mundo rural argelino. A título de exemplo, destaca-se a economia agrícola, cujos especialistas, de modo frequente, ultrapassaram o campo restrito de sua especialidade destacando problemáticas relacionadas à sociologia em muitos aspectos. A esse respeito, podemos citar Bessaoud (1999), que complexificou a questão do campesinato argelino ao negar sua existência, ou mesmo Bedrani (1993), que, por sua vez, elencou questões sociológicas relevantes em seu trabalho sobre a estepe argelina.

Os trabalhos dos antropólogos e dos geógrafos também merecem atenção particular no que concerne à produção de saberes sobre a sociedade rural. Algumas dessas publicações aparecerão no Centro Nacional de Pesquisa em Antropologia Social e Cultural (CRASC)²⁷. Da mesma forma, destacam-se os trabalhos dos agrônomos que, frequentemente, contribuíram de modo notável ao conhecimento sobre mundo rural argelino. Em qualquer caso, a escassez de trabalho acadêmico sobre a sociedade em questão, produzido em quantidades infinitesimais, demonstra que a universidade não é mais o lugar em que o conhecimento sobre a sociedade rural argelina é produzido.

Parece que é fora da universidade onde os estudos sobre essa parte da sociedade têm sido relativamente mais dinâmicos, particularmente por meio da realização, por parte de algumas instituições, de pesquisas sociológicas nas quais os sociólogos têm estado envolvidos²⁸.

Seriam a urbanização e a estigmatização da ruralidade fatores do declínio da sociologia rural na Argélia?

Em menos de 50 anos, houve uma transformação significativa na proporção da população urbana e rural. Grosso modo, na década de 1960, apenas 20% do território argelino era urbano, enquanto 80% rural; hoje, apenas 20% do

27 Disponível em: <<https://www.crasc.dz/index.php/fr/>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

28 Destaca-se, por exemplo, o Bureau National d'Etudes pour le Développement Rural (BNEDER), que realizou pesquisas ao longo dos anos 2000.

território se constitui de zona rural, sendo o restante área urbana. Essa inversão afetou diretamente as práticas de uso do solo, descritas por Marc Côte (1998) de “territorialidades brownieenes”.

Entre os anos de 1966 e 2018, o número de aglomerações urbanas sofreu uma evolução espetacular. Em termos percentuais, houve um aumento de 553% das cidades com 5.000 a 10.000 habitantes, 556% entre 10.000 e 20.000 habitantes e, na categoria de igual e/ou acima de 100.000 habitantes, um aumento de até 1.000%. Esse contexto de crescimento urbano, único na história nacional, apresenta grandes dificuldades para distinguir, sociologicamente, o rural do urbano, face à imperceptibilidade da linha entre esses dois grupos em uma simples leitura dos dados estatísticos e demográficos.

A análise sociológica sobre o contexto urbano está se tornando uma realidade que deve ser investigada por meio de métodos e abordagens da sociologia rural. Essa análise necessária parece ser hoje limitada pela estigmatização do mundo rural no imaginário coletivo das populações urbanas, em que a ruralidade, frequentemente, é associada às formas de atraso que precisam ser ocultadas.

Essa “estigmatização social” do mundo rural e os processos de hierarquização que o acompanham certamente contribuíram para o declínio da sociologia rural na Argélia. Os pressupostos históricos e antropológicos dessa hipótese constituem, em si, um importante campo de pesquisa para a disciplina, em que é possível refletir sobre os fatores que contribuíram, ao mesmo tempo, para a estigmatização social do mundo rural e para a deserção dos pesquisadores desta parte da sociedade.

À guisa de conclusão: sociologia rural e “ruralização” da sociologia na Argélia, que futuro para a disciplina?

De modo geral, a avaliação do caminho percorrido pelas ciências sociais na Argélia, nas últimas cinco décadas, corresponde a cinco etapas características das transformações e desenvolvimento dessas disciplinas: gestão do legado da universidade colonial francesa e do elitismo; reforma do ensino superior e acesso à universidade para novas classes sociais; arabização e popularização; crise de segurança e resistência “popular”; e, finalmente, o domínio de setor administrativo controlador.

A sociologia, que está envolvida em uma dinâmica de “seleção reversa”, conhece uma hierarquização de suas próprias especialidades, na qual a sociologia rural é relegada a segundo plano no processo de matrícula na universidade. Denominada, ao longo de 22 anos, de “Sociologia do Desenvolvimento Agrícola e

Alimentar”, e desaparecendo completamente em 2012, ela quase sempre acolheu estudantes que se matricularam de modo coercitivo pelos procedimentos administrativos. De fato, essa especialidade era o “receptáculo dos excluídos”: em primeiro lugar, excluídos do sistema de orientação dos formandos Ensino Médio; depois, excluídos no seio de uma disciplina que eles não escolhiam.

Produto da popularização das ciências sociais, os estudantes de sociologia rural foram resultado da “ruralização” da sociologia. Os trabalhos acadêmicos sobre a sociedade rural são, necessariamente, raros nesse contexto, e nem sempre são análises sociológicas.

A ruralização da sociedade argelina, na qual, em menos de 40 anos, a população rural caiu de 70% da população total para menos de 30%, constitui, sem dúvida, um quadro potencial de produção científica de primeira escolha para a sociologia rural. Essa inversão demográfica ilustra um processo de mudança social profunda, na qual a ruralização das cidades e a urbanização dos campos ocorrem em um ritmo particularmente rápido. A rigor, essa transformação justifica sua abordagem pela sociologia rural.

A saída mais importante que poderia ter as ciências sociais nesse contexto, e a sociologia rural em particular, ainda que formalmente a disciplina não exista mais no campo universitário argelino, deveria ser, sem dúvida, de aprofundar o conhecimento da sociedade. A proximidade entre as ciências sociais e a sociedade argelina de hoje, por meio do caráter “popular” da última, constitui um potencial notável na produção de saberes em torno da sociedade rural na Argélia.

Referências :

- BEDRANI, Slimane. La steppe algérienne, *Cérès*, 4, 1983
- _____. Les systèmes agro-pastoraux maghrébins : une étude de cas à El Guedid (Wilaya de Djelfa, Algérie), *Revue des Régions Arides*, 5, 1993.
- BENBEKHTI, Omar. La stratégie sociale du développement rural- Introduction aux méthodes de l'approche participative, Editions Dar El Gharb, Oran, 2004.
- BELLIL, Rachid. Ksour et saints du Gourara, C.N.R.P.A.H., Alger, 2003.
- BENDJELID, Abed Brûlé Jean-Claude; FONTAINE, Jacques. Aménageurs et aménagés en Algérie», héritage des années Boumediene et Chadli, L'Harmattan, Paris, 2004
- BENDJABALLAH, Souad. Droit foncier étatique et stratégies locales, Les réponses plurielles à la violence des politiques domaniales en Algérie entre 1962 et 1995, Constantine, Doctorat d'Etat en Droit, 1997.
- BENDJELID, Abed. Mutations sociales et adaptation d'une paysannerie Ksourienne du Touat, *Insanyat*, 7, 1999

- BENGUERGOURA, Chérif. Les ruraux et la réappropriation sociale de la mobilisation de travail en Algérie indépendante, Alger, Doctorat d'Etat en Sociologie, 2000.
- BENGUERGOURA, Cherif. «Droits sur la terre et jeu social en Algérie», Les annales de l'Université d'Alger, 15,2005.
- BENMOUSSA, Brahim. Approches participatives et production du savoir sur l'Algérie rurale – Aspects de la société rurale algérienne au début du 21ème siècle. Alger, Doctorat d'Etat en Sociologie, 2007.
- . La tribu ou la face cachée de la lune, colloque: Les anthropologues algériens par eux-mêmes. Centre national de recherches préhistoriques, anthropologiques et historiques, Alger, 1996.
- BEN NAOUM, Ahmed. Uled Sidi Esh Sheykh essai sur les représentations hagiographiques de l'espace au sud-ouest algérien, Aix en Provence, Doctorat d'Etat es-lettres et Sciences Humaines, 1993.
- BENNOUNE, Mahfoud. El Akbia, Un siècle d'histoire algérienne, Office des publications universitaires, Alger, 1986.
- BESSAOUD, Omar. «L'agriculture et la paysannerie en Algérie, les grands handicaps», symposium «Etat des savoirs en sciences sociales et humaines» Crasc-Oran - sept, 2004
- . L'Algérie agricole: de la construction du territoire à l'impossible émergence de la paysannerie, Insanyat, 7,1999
- BOUKHOBZA, M'hammed. Monde rural: contraintes et mutations, Office des publications universitaires, Alger, 1992
- BOUKHOBZA, M'hammed. Lagro-pastoralisme traditionnel en Algérie: De l'ordre tribal au désordre colonial, Office des publications universitaires, Alger, 1982.
- BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. Le déracinement - La crise de l'agriculture algérienne, Editions de Minuit, Paris, 1964.
- CHAULET, Claudine. La terre, les frères, l'argent, Office des publications universitaires, Alger, 1984.
- COLONNA, Fanny. Savants paysans: Eléments d'histoire sociale sur l'Algérie rurale, Office des publications universitaires, Alger, 1987.
- COTE, Marc. L'Algérie ou l'espace retourné, Mediaplus-Algérie, Constantine, 1993.
- . Y-a-t-il une paysannerie algérienne? Insanyat, 7,1999.
- LACHERAF, Mostefa. Des noms et des lieux, Mémoires d'une Algérie oubliée, Casbah Editions, Alger, 1998
- . Ecrits didactiques sur la culture, l'Histoire et la société, ENAP, Alger, 1988.
- . L'Algérie nation et société», SNED, Alger 1974.
- LEPERLIER, Tristan, Algérie, les écrivains de la décennie noire. Edition du CNRS, Paris, 1998.

- MAROUF, Nadir. Lecture de l'espace oasien. Sindbad, Paris, 1980
- MAZOUNI, Abdallah. Culture et enseignement en Algérie et au Maghreb. Maspero, Paris 1969.
- MEGHERBI, Abdelghani. La paysannerie algérienne face à la colonisation. ENAP, Alger, 1973.
- NACIB, Youcef. Cultures oasiennes, Boussada, Essai d'histoire sociale, ENAL, Alger, 1986.
- OUITIS, Ahmed. Les contradictions sociales et leur expression symbolique dans le seti-fois, SNED, Alger, 1977.
- SARI, Djilali. La dépossession des fellahs, SNED Alger, 1975.

Recebido em: 14/02/2022

Aprovado em: 23/05/2022

Como citar este artigo:

BENMOUSSA, Brahim. A extinção da Sociologia Rural na Argélia: dos fatores sócio-políticos ao contexto acadêmico de ensino das ciências sociais. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 1, janeiro - abril 2022, pp. 033-053.